

Ano III, v.2 2023 | **submissão: 02/08/2023** | **aceito: 04/08/2023** | **publicação: 06/08/2023**

A liturgia do olhar: fotografia, memória institucional e teologia da comunicação em organizações eclesiais

The liturgy of the gaze: photography, institutional memory and theology of communication in ecclesiastical organizations

Patricia Malafaia Bonfim Araujo - Bacharel em Publicidade e Propaganda (Universidade Veiga de Almeida, 2004). MBA em Administração de Marketing e Comunicação Empresarial (Universidade Veiga de Almeida, 2007). Especialista em Marketing Digital (2019).

Resumo

Este artigo explora a função hermenêutica e documental da fotografia no contexto de organizações religiosas contemporâneas. Sob a luz da teoria da imagem de Roland Barthes e da teologia da cultura de Paul Tillich, o estudo analisa como a gestão profissional de acervos visuais transcende o mero registro técnico, atuando como ferramenta de construção de identidade denominacional e preservação da memória coletiva. A pesquisa investiga modelos de gestão de voluntariado criativo, baseados nas teorias de motivação de Herzberg e na liderança situacional, essenciais para a sustentabilidade dos departamentos de mídia em igrejas. Discute-se ainda a ética da representação imagética do sagrado na era das redes sociais e o papel do arquivo fotográfico como fonte primária para a historiografia eclesial.

Palavras-chave: Fotografia Documental. Memória Institucional. Comunicação Eclesial. Gestão de Voluntários. Hermenêutica Visual.

Abstract

This article explores the hermeneutic and documentary function of photography in the context of contemporary religious organizations. In the light of Roland Barthes' image theory and Paul Tillich's theology of culture, the study analyzes how the professional management of visual archives transcends mere technical recording, acting as a tool for building denominational identity and preserving collective memory. The research investigates models of creative volunteer management, based on Herzberg's motivation theories and situational leadership, essential for the sustainability of media departments in churches. It also discusses the ethics of imagetic representation of the sacred in the social media era and the role of the photographic archive as a primary source for ecclesiastical historiography.

Keywords: Documentary Photography. Institutional Memory. Ecclesial Communication. Volunteer Management. Visual Hermeneutics.

Introdução

A fotografia, na era da pós-verdade e da hipervisualidade, assume um papel central na mediação entre a instituição e a sociedade. No ambiente eclesial, a imagem não é apenas ilustrativa; ela é constitutiva da experiência religiosa contemporânea e da formação da identidade comunitária. Este artigo, fundamentado na interseção entre a prática de gestão de mídia e a reflexão teológica acadêmica, propõe uma investigação profunda sobre o que denominamos "liturgia do olhar". Analisa-se como igrejas e organizações paraeclesiais utilizam a fotografia para documentar a teofania (manifestação do divino) no cotidiano, preservando a memória institucional contra a erosão do esquecimento. Utilizando conceitos de Arquivologia, Semiótica e Teologia Sistemática, examinamos os processos de captura, curadoria e difusão de imagens como atos estratégicos de governança e evangelização.

Ano III, v.2 2023 | **submissão: 02/08/2023** | **aceito: 04/08/2023** | **publicação: 06/08/2023**

1. A Fotografia como Documento e Monumento na História Eclesiástica

A distinção conceitual entre documento e monumento, proposta pelo historiador Jacques Le Goff, é fundamental para compreender a dualidade do papel da fotografia na igreja moderna. Enquanto documento, a fotografia fornece a prova irrefutável da ocorrência de um evento — um concílio, uma inauguração de templo, um batismo coletivo; enquanto monumento, ela perpetua uma intenção deliberada de memória, construindo a autoimagem idealizada da instituição para a posteridade. A fotografia institucional religiosa opera simultaneamente nessas duas frentes, validando a existência histórica da comunidade no tempo e no espaço, e, ao mesmo tempo, monumentalizando seus líderes, ritos e liturgias, transformando o efêmero em perene.

Roland Barthes, em sua obra seminal "A Câmara Clara", introduz o conceito de "isso-foi" (*ça a été*), definindo a essência da fotografia como uma certificação de presença e realidade. Para uma instituição de fé, certificar a presença da comunidade reunida é uma afirmação teológica poderosa da *Ekklesia* (a assembleia dos chamados). A gestão profissional desses registros visuais, portanto, não pode ser tratada como uma atividade periférica ou meramente técnica, mas deve ser encarada como central para a historiografia denominacional. Igrejas centenárias que falharam em manter arquivos visuais organizados sofrem hoje de uma espécie de amnésia institucional, encontrando-se incapazes de conectar visual e emocionalmente as novas gerações às suas raízes fundadoras e aos sacrifícios dos pioneiros.

A implementação de políticas rigorosas de arquivamento digital, baseadas em normas internacionais de descrição arquivística (como a ISAD-G), permite que o acervo fotográfico seja não apenas armazenado, mas recuperável e utilizável estrategicamente. A indexação por metadados — utilizando tags teológicas, datas precisas, identificação de personagens e eventos litúrgicos — transforma um simples "banco de imagens" desordenado em um "banco de conhecimento" estruturado. Isso exige do gestor de mídia uma competência híbrida entre a técnica arquivística e o conhecimento da história e teologia da denominação, garantindo que a classificação das imagens respeite a linguagem e a cultura da instituição.

A fotografia torna-se, assim, uma fonte primária indispensável para a pesquisa histórica e sociológica. Ela permite análises diacrônicas sobre a evolução da estética do culto, as mudanças demográficas e raciais da congregação, a transformação dos códigos de vestimenta e a adaptação da arquitetura sacra ao longo das décadas. Esses registros visuais oferecem *insights* que textos e atas de reunião muitas vezes não conseguem capturar, revelando a atmosfera, a emoção e a dinâmica social da comunidade de fé em diferentes épocas.

Além do valor histórico, a fotografia monumentaliza a fé ao criar ícones visuais que inspiram a devoção e o senso de pertencimento. A imagem de um momento de avivamento, de uma ação social impactante ou de um líder carismático em ação torna-se um símbolo que agrega a comunidade. A

Ano III, v.2 2023 | submissão: 02/08/2023 | aceito: 04/08/2023 | publicação: 06/08/2023

gestão desses monumentos visuais exige responsabilidade ética para não cair na idolatria ou na fabricação de uma história triunfalista que apaga as lutas e as contradições inerentes a qualquer grupo humano.

Por fim, a preservação desses documentos/monumentos é um ato de mordomia cristã. Assim como os escribas preservavam os textos sagrados, os fotógrafos e arquivistas da igreja são chamados a preservar a memória visual dos feitos de Deus no meio do seu povo. Sem essa preservação intencional, a identidade da igreja corre o risco de se diluir na liquidez do tempo, perdendo a referência de onde veio e, conseqüentemente, a clareza de para onde vai.

2. A Estética do Sagrado e a Semiótica da Imagem Religiosa

A comunicação visual na igreja contemporânea lida com o desafio teológico e estético de representar o irrepresentável. A teologia da cultura de Paul Tillich sugere que as formas culturais — incluindo a arte, a arquitetura e a fotografia — podem ser portadoras de substância religiosa, servindo como meios através dos quais o sagrado se manifesta no mundo profano. A fotografia eclesial contemporânea, influenciada por essa busca de relevância cultural, afastou-se da estética puramente jornalística ou amadora para abraçar uma linguagem cinematográfica e artística, buscando capturar não apenas os fatos, mas a "atmosfera" e o mistério da adoração.

O uso técnico de iluminação dramática, profundidade de campo rasa (*bokeh*) para isolar detalhes, e composições baseadas na proporção áurea visa evocar o senso de numinoso — o sagrado que fascina e aterroriza — conforme descrito pelo teólogo Rudolf Otto em "O Sagrado". A fotografia tenta tornar visível a experiência interior da fé: o levantar de mãos, a lágrima do penitente, a luz que incide sobre a Bíblia aberta. Essas escolhas estéticas não são neutras; elas carregam intenções teológicas e comunicacionais que moldam a percepção do observador sobre o que é o culto e quem é Deus naquele contexto.

Entretanto, essa estetização traz riscos significativos que devem ser analisados sob a ótica da semiótica da imagem, estudada por autores como Umberto Eco. Quando a fotografia do culto é excessivamente produzida, encenada ou editada, ela pode deslizar para a simulação, criando uma hiper-realidade — conceito de Jean Baudrillard — que desconecta a imagem da experiência real e muitas vezes imperfeita da comunidade. O perigo é transformar o culto em um espetáculo para ser fotografado, onde a performance visual se sobrepõe à autenticidade espiritual.

O gestor de fotografia e mídia deve atuar como um curador ético e teológico, garantindo que a beleza da imagem sirva à verdade do evento, e não à vaidade da performance ou ao marketing enganoso. A estética deve ser uma serva da teologia, e não sua substituta. A busca pela excelência visual deve refletir a glória de Deus, e não a competência técnica do fotógrafo ou a grandiosidade da estrutura da igreja. Esse discernimento exige uma formação que vá além da técnica fotográfica,

Ano III, v.2 2023 | submissão: 02/08/2023 | aceito: 04/08/2023 | publicação: 06/08/2023

adentrando na reflexão sobre a natureza da adoração e da verdade.

A identidade visual de uma denominação é reforçada e consolidada pela repetição consistente de certos códigos estéticos e semióticos. Uma igreja que enfatiza o ensino bíblico expositivo pode privilegiar fotos claras, com foco no púlpito, nas anotações e nas Bíblias abertas, comunicando racionalidade e ordem; uma igreja de linha pentecostal ou carismática pode focar em expressões emocionais intensas, movimento, mãos levantadas e iluminação colorida, comunicando dinamismo e experiência pneumatológica.

A consistência nesses registros cria um *branding* visual — ou uma identidade iconográfica — que comunica, sem necessidade de palavras, a teologia, a liturgia e a cultura daquela comunidade específica para o observador externo. A gestão dessa identidade visual é estratégica para o posicionamento da igreja na sociedade e para a atração de pessoas que se identificam com aquele perfil de espiritualidade. A fotografia, portanto, é uma linguagem teológica não verbal que precisa ser falada com fluência e intencionalidade.

3. Gestão de Voluntariado Criativo: Teorias e Práticas

A produção de conteúdo visual em igrejas depende majoritariamente da força de trabalho de voluntários. A gestão desse capital humano específico exige a aplicação de teorias de motivação e liderança adaptadas à realidade do terceiro setor e das organizações baseadas na fé. Frederick Herzberg, em sua Teoria dos Dois Fatores, distingue "fatores higiênicos" (condições de trabalho, ambiente) de "fatores motivacionais" (realização, reconhecimento, responsabilidade). No contexto do voluntariado de mídia, os equipamentos de ponta podem atuar como fatores higiênicos, mas a motivação real e sustentável advém do senso de propósito transcendente e da capacitação técnica oferecida.

A Liderança Situacional de Hersey e Blanchard oferece um modelo aplicável e eficiente para a gestão dessas equipes heterogêneas: o líder de mídia deve adaptar seu estilo de gestão conforme a maturidade técnica e psicológica do voluntário. Para o iniciante, é necessário um estilo diretivo, com treinamento técnico intensivo e acompanhamento próximo; para o veterano competente e comprometido, o estilo deve ser de delegação, oferecendo autonomia criativa e responsabilidade sobre projetos. Essa flexibilidade na liderança é crucial para manter a equipe engajada e em constante crescimento.

O programa de voluntariado deve ser estruturado não apenas como uma escala de serviço, mas como uma jornada de aprendizado contínuo (*Lifelong Learning*), onde a igreja funciona como uma escola de artes e comunicação. A mentoria técnica, onde profissionais da área doam seu tempo para treinar leigos, eleva o padrão de qualidade — validando o conceito teológico de oferecer o melhor a Deus — e retém talentos que se sentem valorizados pelo investimento educacional recebido.

Ano III, v.2 2023 | submissão: 02/08/2023 | aceito: 04/08/2023 | publicação: 06/08/2023

O voluntário permanece onde sente que está crescendo e contribuindo significativamente.

A organização de escalas e processos de trabalho (*workflow*) é vital para evitar o *burnout* e a exploração do voluntário. O serviço na igreja não deve competir de forma predatória com a vida profissional, acadêmica ou familiar do indivíduo. A utilização de ferramentas modernas de gestão de projetos e canais de comunicação claros e assíncronos é essencial para coordenar equipes que atuam apenas em tempos parciais e fragmentados. A burocracia deve ser mínima, mas a organização deve ser máxima para garantir a fluidez do serviço.

A cultura do "voluntariado profissional" deve ser o objetivo da gestão eficaz. Esse termo não se refere à remuneração, mas à atitude: amador no sentido etimológico de amar o que faz, mas profissional na entrega, na pontualidade, na técnica e na ética. Construir essa cultura exige um líder que seja exemplo e que inspire a equipe através da visão, e não apenas da cobrança de tarefas. O reconhecimento público e privado do trabalho dos voluntários é o combustível emocional que mantém a chama do serviço acesa.

Por fim, a gestão de voluntários em áreas criativas envolve lidar com a subjetividade e a sensibilidade artística. O líder deve saber dar *feedback* construtivo sobre o trabalho artístico sem desencorajar ou ferir o voluntário. Criar um ambiente seguro para a experimentação e para o erro é fundamental para a inovação visual. A equipe de mídia deve ser um espaço de comunidade e cuidado pastoral, e não apenas uma agência de produção de conteúdo interna. Quando o voluntário é cuidado, a obra é realizada com alegria e excelência.

4. A Fotografia como Ferramenta de Engajamento e Evangelismo Digital

Na era das redes sociais e da cultura da conexão, a fotografia tornou-se a moeda de troca da atenção e do capital social. A teoria dos "Usos e Gratificações" na comunicação de massa sugere que o público consome mídia ativamente para satisfazer necessidades psicológicas e sociais, como a integração social e a construção de identidade pessoal. Quando um membro compartilha uma foto do culto ou de um evento social da igreja em suas redes, ele está validando publicamente sua identidade religiosa e seu pertencimento àquela comunidade perante sua rede de contatos.

A fotografia institucional de alta qualidade fornece o "material" ou o ativo visual para esse compartilhamento, transformando cada membro em um micro-influenciador orgânico da marca da igreja. O conceito de "Marketing de Conteúdo" aplica-se perfeitamente aqui: a igreja produz imagens que geram valor, inspiram, informam ou emocionam, atraindo interessados para o seu funil de engajamento e discipulado. A imagem não é o fim, mas o meio de conexão que leva ao relacionamento real.

A fotografia documental de missões e ações sociais possui um poder retórico e mobilizador imenso, muitas vezes superior ao do texto. Imagens que mostram a realidade do campo missionário

Ano III, v.2 2023 | submissão: 02/08/2023 | aceito: 04/08/2023 | publicação: 06/08/2023

ou o impacto de projetos sociais sensibilizam doadores e mobilizam novos voluntários de forma eficaz. A imagem do "outro" necessitado, quando capturada com dignidade, ética e empatia — conforme discutido pela crítica Susan Sontag em "Diante da Dor dos Outros" — convoca o espectador à ação ética e solidária, rompendo a indiferença.

O desafio contemporâneo é adaptar a linguagem visual para a gramática específica de cada plataforma digital. O Instagram exige uma estética de *feed* curada e *Stories* autênticos; o site institucional demanda fotos informativas e de alta resolução; o arquivo histórico precisa de registros documentais brutos e metadados. A versatilidade da equipe de fotografia em produzir conteúdo nativo para múltiplos formatos (*omnicanalidade*) é uma competência crítica na comunicação eclesial contemporânea.

Além disso, a fotografia digital permite a interação em tempo real. A cobertura ao vivo de eventos (*live blogging* visual) cria um senso de urgência e participação para quem está remoto. A igreja digital não é apenas a transmissão de vídeo, mas a experiência visual completa estendida ao ambiente online. A fotografia ajuda a quebrar a barreira da tela, transmitindo o calor humano e a emoção do ambiente presencial para o espectador virtual.

A análise de métricas de engajamento das fotos (curtidas, compartilhamentos, salvamentos) fornece dados valiosos sobre o que ressoa com a comunidade. Esses dados podem informar decisões pastorais e de comunicação, revelando quais temas, eventos ou abordagens estão gerando maior conexão. A fotografia torna-se, assim, uma ferramenta de escuta ativa da congregação.

Por fim, o evangelismo digital através da fotografia exige intencionalidade. Não basta postar fotos bonitas; é preciso atrelar a imagem a uma mensagem de esperança e verdade. A legenda, o contexto e o convite à ação (*Call to Action*) transformam a foto em um tratado evangelístico visual. Em um mundo saturado de imagens vazias, a fotografia cristã deve ser portadora de sentido e transcendência, apontando para a beleza suprema do Criador.

5. Ética, Direito de Imagem e a Privacidade no Espaço Sagrado

A promulgação da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) e o aumento da consciência sobre o direito de imagem impõem novos e complexos desafios éticos e legais à prática da fotografia religiosa. O templo é, juridicamente, um espaço de acesso público, mas o ato de adoração é profundamente íntimo e pessoal. Capturar momentos de vulnerabilidade espiritual — como o choro, a oração intensa ou o momento de apelo no altar — exige um discernimento ético rigoroso por parte do fotógrafo e da liderança.

O fotógrafo eclesial deve adotar uma postura de "invisibilidade", registrando os momentos sem interferir neles ou se tornar o centro das atenções. O uso de teleobjetivas para capturar expressões à distância e a abolição do flash durante momentos solenes são práticas técnicas que

Ano III, v.2 2023 | submissão: 02/08/2023 | aceito: 04/08/2023 | publicação: 06/08/2023

refletem esse cuidado ético. A teologia da dignidade humana deve orientar toda a prática fotográfica: a imagem do fiel não deve ser usada de forma utilitária apenas para promover a instituição ou engrandecer o evento, mas deve respeitar a integridade e a vontade do sujeito fotografado.

A curadoria das imagens é o segundo filtro ético. Imagens que exponham roupas inadequadas, expressões faciais desfavoráveis ou situações constrangedoras devem ser descartadas sumariamente, independentemente de sua qualidade técnica. A proteção da imagem é uma forma de pastoreio e cuidado com a ovelha. Termos de consentimento de uso de imagem, avisos claros sobre a cobertura fotográfica nos cultos e canais abertos para solicitação de remoção de fotos são práticas de *compliance* necessárias e urgentes.

A proteção de imagens de menores de idade e de pessoas em situação de vulnerabilidade assistidas por projetos sociais da igreja exige protocolos de segurança adicionais. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e o bom senso recomendam cautela extrema. Rostos de crianças não devem ser divulgados sem autorização expressa dos responsáveis, e a dignidade dos assistidos sociais deve ser preservada, evitando a "pornografia da pobreza" que explora a miséria para angariar recursos.

No ambiente das redes sociais, onde o controle sobre a disseminação da imagem é perdido assim que ela é postada, a responsabilidade da igreja aumenta. A equipe de mídia deve ser treinada sobre os riscos do *cyberbullying* e da apropriação indevida de imagens. A ética cristã do amor ao próximo deve ser o critério final para decidir se uma foto deve ou não ser publicada: "Isso edifica? Isso protege? Isso honra?".

Além disso, a questão da autoria e dos direitos autorais dos fotógrafos voluntários deve ser tratada com clareza e justiça. Embora o trabalho seja voluntário, a autoria moral da obra permanece com o fotógrafo. Acordos de cessão de direitos de uso para a instituição devem ser formalizados para evitar litígios futuros e garantir a segurança jurídica do acervo da igreja. Reconhecer os créditos do fotógrafo é uma forma de valorizar seu trabalho e respeitar a lei.

6. Tecnologia e Preservação Digital: O Futuro da Memória

A rápida obsolescência tecnológica representa hoje a maior ameaça à preservação da memória visual das instituições. Vint Cerf, um dos pioneiros da internet, alerta para a possibilidade de uma "Idade das Trevas Digital", um futuro onde arquivos antigos se tornam ilegíveis por falta de software ou hardware compatível. A gestão de acervos eclesiais deve, portanto, transcender o armazenamento imediato e prever estratégias robustas de preservação digital a longo prazo, incluindo migração periódica de formatos e redundância de dados (backups em nuvem, servidores locais e cópias físicas em HDs externos ou fitas LTO).

A inteligência artificial (IA) começa a revolucionar a gestão desses acervos. Algoritmos de aprendizado de máquina podem ser utilizados para a catalogação automática de milhares de fotos,

Ano III, v.2 2023 | submissão: 02/08/2023 | aceito: 04/08/2023 | publicação: 06/08/2023

realizando reconhecimento facial para identificar membros e líderes ao longo dos anos, e reconhecimento de objetos e cenas para classificar eventos. Isso facilita imensamente a recuperação de imagens históricas. No entanto, a dependência tecnológica não deve eliminar o olhar humano e teológico na seleção e interpretação do que é historicamente relevante.

O investimento em infraestrutura de TI — servidores seguros, sistemas de armazenamento conectado à rede (NAS) e softwares de gestão de ativos digitais (DAM) — é tão importante estrategicamente quanto o investimento em câmeras e lentes de última geração. Uma igreja que produz milhares de fotos por ano mas não investe na preservação e organização desses dados está fadada a perder sua história recente, criando lacunas irreparáveis em sua memória institucional.

A digitalização de acervos analógicos antigos (fotos em papel, slides, negativos) é outra frente urgente. Muitas igrejas possuem caixas de fotos se deteriorando em armários úmidos. O resgate e a digitalização profissional desse material são atos de honra aos antepassados e de preservação do patrimônio cultural da comunidade. A tecnologia de restauração digital pode recuperar imagens danificadas, devolvendo-lhes a visibilidade e o valor.

A realidade virtual (VR) e a realidade aumentada (AR) apontam para o futuro da experiência da memória. Museus virtuais da história da igreja, passeios imersivos por templos antigos ou exposições interativas de fotos históricas podem engajar as novas gerações de uma maneira que álbuns físicos não conseguem. A igreja deve estar atenta a essas inovações para contar sua história de forma relevante no século XXI.

Conclui-se que a tecnologia é uma aliada poderosa, mas exige gestão competente. O "arquivista digital" é uma nova função ministerial que surge dessa necessidade. A preservação da memória visual não é um luxo, mas uma necessidade vital para a continuidade da identidade da igreja em um mundo em constante transformação.

CONCLUSÃO

A investigação aprofundada sobre a liturgia do olhar no contexto eclesial revela que a fotografia é muito mais do que um mero suporte técnico ou estético; ela é uma prática cultural, documental e teológica de alta relevância estratégica. A profissionalização da gestão de imagens e a capacitação sistemática de voluntários não representam apenas melhorias operacionais, mas imperativos para a sustentabilidade da memória institucional e da relevância comunicacional da igreja na contemporaneidade.

A análise demonstra que a fotografia atua como um poderoso cimento social, unindo a comunidade em torno de uma narrativa visual compartilhada e coerente. Ela valida a experiência subjetiva da fé, documenta objetivamente o crescimento institucional e serve como ferramenta apologética eficaz no espaço público digital. A gestão eficaz desses acervos, fundamentada em

Ano III, v.2 2023 | submissão: 02/08/2023 | aceito: 04/08/2023 | publicação: 06/08/2023

princípios arquivísticos sólidos e sensibilidade ética, garante que o legado da igreja não se perca na efemeridade dos *feeds* de redes sociais, mas se consolide como patrimônio histórico acessível e inspirador.

O estudo aponta para a necessidade urgente de uma "educação do olhar" dentro das instituições religiosas. Líderes, pastores e voluntários precisam compreender a responsabilidade teológica inerente ao ato de produzir, selecionar e disseminar imagens. A beleza, a ordem, a verdade e a dignidade humana devem ser os critérios norteadores dessa produção visual, rejeitando a manipulação e o espetáculo vazio. A fotografia deve ser um espelho fiel da identidade da igreja e uma janela convidativa para o mundo.

A gestão do voluntariado criativo, baseada em teorias modernas de liderança e motivação, mostrou-se essencial para a viabilidade dos ministérios de mídia. Transformar membros em verdadeiros profissionais da imagem, capacitados e valorizados, é multiplicar os talentos da congregação e fortalecer o corpo de Cristo. O modelo de voluntariado profissional é o caminho para aliar a paixão do serviço com a excelência da entrega técnica.

A ética e o direito de imagem emergem como fronteiras que exigem vigilância constante e atualização de protocolos. A igreja deve ser exemplo de respeito à privacidade e à lei, protegendo seus membros enquanto comunica sua mensagem. A tecnologia, com suas promessas de IA e preservação digital, oferece ferramentas incríveis, mas exige sabedoria e investimento para ser utilizada a serviço da memória e não do esquecimento.

Em última análise, a fotografia na igreja é um ato de mordomia cristã e de adoração. É cuidar da história que Deus está escrevendo através de uma comunidade local, garantindo que as futuras gerações possam "vir e ver" o que foi feito. A memória visual é um legado de fé que deve ser preservado com todo o zelo, técnica e amor.

Futuras pesquisas acadêmicas poderiam expandir este campo de estudo investigando o impacto das tecnologias de imersão (metaverso e VR) na liturgia e na memória religiosa, bem como os desafios teológicos da manipulação de imagens por inteligência artificial generativa no contexto da verdade documental eclesiástica.

O caminho para uma comunicação eclesiástica madura passa, inevitavelmente, pela valorização da imagem como linguagem de fé e pela gestão profissional da memória como ato de esperança no futuro da igreja.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.



Ano III, v.2 2023 | submissão: 02/08/2023 | aceito: 04/08/2023 | publicação: 06/08/2023

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: Zouk, 2012.

ECO, Umberto. *Tratado de semiótica geral*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

HERZBERG, Frederick. One more time: How do you motivate employees? *Harvard Business Review*, v. 46, n. 1, 1968. LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. Lisboa: Edições 70, 2005.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.